

O que diria Gutenberg?

Desde a última feira de livros de Frankfurt, em 2007 (ver matéria à página 40), as discussões sobre a validade da utilização de tecnologias como Internet, *wi-fi*, computadores e leitores como papel eletrônico adquiriram um tom muito menos messiânico ou aterrorizante para as gráficas convencionais. As grandes editoras ainda têm um faturamento muito pequeno na distribuição eletrônica de seus títulos e encaram o assunto muito mais preocupadas com a viabilização econômica do que com o medo de furto de conteúdos ou perda de direitos dos conteúdos distribuídos eletronicamente. Recentemente, o mercado foi sacudido por diversos lançamentos de tecnologias de *papel eletrônico*, ou livros digitais (*e-book*).

O sistema de livros digitais tem dois componentes principais: o provedor, que tem em sua base de dados os livros completamente digitalizados (no modo texto e não imagem); e os consumidores, que se utilizarão de aparelhos feitos especialmente para baixar, ler, trocar e arquivar os livros comprados dos provedores.

OS PROVEDORES DE CONTEÚDO

Do lado dos provedores, o fato quente é o lançamento em 2007 do Kindle, da Amazon, equipamento de leitura de livros. O objetivo é que seu sistema se torne o padrão dos futuros “livros eletrônicos”. A Amazon.com — a mais importante loja de livros

on-line do planeta — colocou seu dispositivo à venda no mercado por US\$ 399 e as prateleiras se esvaziaram imediatamente! O leitor funciona por meio de conexão sem fios (*wi-fi*) a uma loja de livros eletrônicos do *site* da Amazon e pode ser levado facilmente em uma sacola.

Enquanto isso, outro provedor, a gigante da Internet Google, está lançando um serviço de venda de livros digitalizados, em parceria com diversas editoras que negociarão os preços para os seus próprios livros e sua fatia dos lucros com o provedor. Os usuários terão de pagar pelo acesso *on-line* a cópias digitais dos livros no seu banco de dados, mas, até agora a Google só disponibilizou aos seus usuários trechos limitados dos livros sobre os quais incidem direitos autorais.

OS CONSUMIDORES

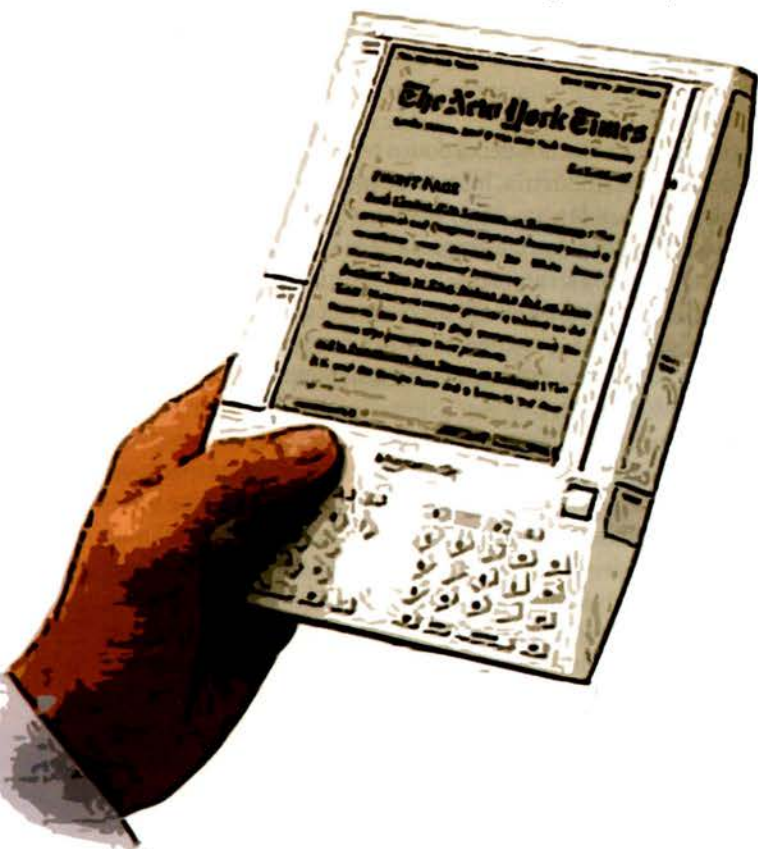
No mercado, o principal concorrente do Kindle, que parece estar se saindo razoavelmente bem, é o Sony Reader. O aparelho custa US\$ 300, tem o tamanho de um caderno escolar, tela de 15 centímetros e memória suficiente para carregar 80 livros. O Sony Reader utiliza a mesma tecnologia de tela do Kindle, fornecida pela E Ink, que nasceu nos laboratórios do MIT (Laboratório de Mídia do Instituto de Tecnologia de Massachusetts). Ron Hawkins, vice-presidente de sistemas de leitores portáteis da Sony, afirmou: “Os leitores digitais não são um substituto do livro impresso; o que eles substituem é uma pilha de livros impressos. As pessoas usam o nosso dispositivo enquanto se deslocam, no metrô e nos aeroportos”.

Temores de que tudo isso seja somente mais uma onda que morra rapidamente na praia não são infundados: todos se lembram nos anos 90 quando a Apple lançou o Newton, equipamento de leitura e escrita manual baseado na tecnologia de escrita sobre a tela com uma caneta virtual. Naquele momento parecia que uma nova realidade da computação móvel estava surgindo, ameaçando tornar os computadores de mesa e *laptops* quase que imediatamente obsoletos.

Além da Apple, outras empresas seguiram pelo mesmo caminho. De todas essas tentativas, a única sobrevivente notável foi a Palm, ainda assim sem ameaçar nem de longe os livros tradicionais, somente conseguindo um lugar ao sol quando fundiu sua tecnologia aos celulares.

O KINDLE

As primeiras impressões dos técnicos em relação ao Kindle são positivas no que diz respeito à tela, aos controles de leitura e negativas em relação à interface oferecida pelo produto e seu design. Entre os que já puseram as mãos no Kindle, muitos disseram que a inovação mais atraente do aparelho está nas suas capacidades de baixar livros, periódicos e de navegar na *web* sem utilizar um computador. A Amazon acrescentará alguns conteúdos gratuitos para o Kindle como livros de refe-

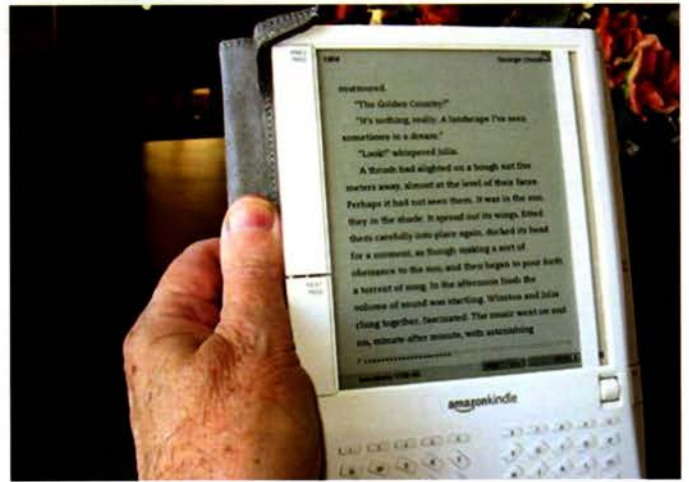


rência e Wikipedia. Conteúdos pagos incluem assinatura dos principais jornais de todo o mundo, entre esses o *Le Monde*, *The New York Times* e o *The Wall Street Journal*, além de mais de 80.000 títulos de livros.

O Kindle tem um teclado com o qual os usuários podem fazer anotações enquanto lêem ou navegam na Internet. Segundo os primeiros a testar o aparelho, a navegação na *web* é um pouco difícil porque a tela do Kindle, também feita pela E Ink, não exibe vídeos ou cores. Um agravante de consequências mais profundas é a falta de padronização do formato de arquivos dos conteúdos dos livros, nos servidores da Amazon.

Enquanto o mundo assiste a uma convergência a padrões internacionais, em especial aos formatos de arquivos normalizados pela ISO, como o PDF, o OpenXML e outros, a Amazon está usando o formato de livro eletrônico da Mobipocket, empresa que adquiriu em 2005, em vez de adotar os padrões abertos de mercado, como o PDF.

Isso significa que quem baixar um livro para o Kindle não poderá lê-lo em outro programa ou plataforma que não seja o Kindle, como, por exemplo, no Sony Reader. Com isso, os pos-



O Kindle custa US\$ 300 e pode carregar 80 livros

suidores do Sony Reader também não poderão ler os livros à venda na Amazon.com.

Caso a Amazon vendesse uma grande quantidade de Kindles, talvez seu formato de arquivo Mobipocket se tornasse um padrão de fato, obrigando outras empresas a trilhar o mesmo caminho. Mas isso, por ora, é só especulação.

A pergunta que fica: o que diria o nosso patrono Gutenberg dessa nova onda de conteúdos “fechados” em formatos proprietários que viajam pelos ares das principais cidades do mundo? □

BRUNO MORTARA é superintendente do ONS27, coordenador da Comissão de Estudo de Pré-Impressão e Impressão Eletrônica e professor de pós-graduação da Faculdade Senai de Tecnologia Gráfica.